

O Ritual do Batismo

Sem a menor dúvida, o ritual e o formalismo não resistem à menor análise da razão, e facilmente se conclui que foram introduzidos nos vários cultos com segundas intenções. (SCHUTEL).

Tão surpreendente quanto a naturalidade das pessoas em emitirem juízo sobre algo que pouco sabem, é seu desinteresse em melhor informarem-se. (LOEFFLER).

Introdução

Sempre nos causou espécie ver passagens bíblicas mencionando o ritual do batismo, em particular a que relata o batismo de Jesus, uma vez que esse rito, conforme sabemos, não fazia parte das práticas religiosas dos hebreus. Assim, não descobrimos por qual motivo que, de uma hora para outra, aparece, na Bíblia, alguém realizando o batismo, porquanto, naquela época, a circuncisão (Lv 12,3) é que era o ritual praticado para a iniciação religiosa. Para nós só existe uma explicação possível para isso. Embora saibamos que ela não irá agradar aos fundamentalistas, mas, como buscamos a verdade, não nos resta senão a alternativa de deduzir que tal episódio seja fruto de interpolação.

Mais ainda: ficamos convictos dessa possibilidade, quando os próprios textos bíblicos nos levaram justamente a essa hipótese. É o que se verá no desenrolar desse estudo.

Origem

Cairbar Schutel (1868-1938), em *O Batismo*, assim relata:

Esta prática, que assinala períodos milenários, parece ter nascido na Grécia Antiga, logo após a constituição de uma seita que cultuava a Deusa da Torpeza, a quem denominavam Cotito e a quem os atenienses rendiam os seus louvores. Esta seita, constituída de sacerdotes que tinham recebido o nome de baptas, porque se banhavam e purificavam com perfumes antes da celebração das cerimônias, deixou saliente nas páginas da História esse ato como símbolo da purificação do Espírito. (SCHUTEL, 1986, p. 15).

Corroborando essa versão, Celso Martins (1942-), em *Nas Fronteiras da Ciência*, afirma:

[...] Batizando as criaturas nas águas do Rio Jordão como símbolo da renovação espiritual de cada seguidor seu, João estava apenas lançando mão de um rito que remontava à Grécia antiga, pois o batismo é uma prática pagã que nos veio dos sacerdotes da deusa Cotito. Eles se banhavam antes de dedicar suas oferendas à referida deusa da mitologia dos gregos. Como tais sacerdotes se chamavam baptas, daí surgiu a etimologia da palavra batismo, banho em água, no ritualismo de muitas seitas cristãs e também orientais. (MARTINS, 2001, p. 30) (grifo do original).

Em *Jesus e sua Doutrina*, A. Leterre (1862-1936), por sua vez, nos diz ser outra a sua origem:

Os antigos persas apresentavam o recém-nascido ao padre, perante o Sol, simbolizado pelo fogo. O padre pegava a criança e a colocava em uma bacia com água, a fim de lhe purificar a alma. Nessa ocasião o pai dava nome ao filho. [...]

A cerimônia do batismo, no verdadeiro sentido de **banho expiatório**, já

havia, também, na Índia, milhares de anos antes de existir a Europa, tendo daí passado para o Egito. Na Índia eram as águas do Gange, consideradas sagradas, como ainda hoje, que possuíam esta propriedade purificadora, apesar de ser o foco da cólera-morbo; do Gange passou-se para o Indus, igualmente sagrado, de onde se propagou ao Nilo, do mesmo modo sagrado, para, finalmente, terminar no Jordão, onde João as empregava com o mesmo fim e como simples formalidade do seu rito. (LETERRE, 2004, p. 172-173). (grifo do original).

Seja lá qual for a origem, o que fica claro, pelo acima exposto, é que ela está indubitavelmente ligada às práticas de povos ditos pagãos. Em Samuel Noah Kramer (1897-1990), vemos isso de forma mais clara:

Desde os dias do cativo em Babilônia, e daí em diante, o judaísmo apresenta um enxame de místicos religiosos com visões apocalípticas sobre o futuro do homem. Por meio desses visionários, diz o eminente orientalista W. F. Albright, "elementos inumeráveis da fantasia pagã e até mitos inteiros entraram na literatura do judaísmo e do cristianismo". Por exemplo, o rito do batismo - diz ele - remonta às religiões da Mesopotâmia, como também muitos dos elementos na história da vida de Cristo. Entre estes o Dr. Albright inclui a sua concepção por uma virgem, o seu nascimento relacionado com os astros, e os temas da prisão, da morte, descida aos infernos, o desaparecimento por três dias e posterior ascensão aos céus. (KRAMER, 1983, p. 169) (grifo nosso).

Foi por volta do ano 150 a.C., com a fundação da seita judaica dos essênios, que esse ritual de iniciação, passou a ser praticado na Palestina, conforme se lê em Champlin:

[...] Os manuscritos descobertos entre os Papiros do Mar Morto ilustram fartamente que os essênios (com quem João evidentemente se associou) eram uma seita que praticava o batismo, requerendo batismo de arrependimento para os convertidos, além de praticarem outras abluções entre eles. Os hinos de Qumran falam de batismo de fogo, tais como um rio em chamas que engolfaria os "lançados fora": e alguns bons intérpretes reputam esse batismo de fogo como algo que se refere ao juízo. Parece bem certo, porém, a despeito do conhecimento de João sobre tais ideias, que ele usa da ideia como algo benéfico, que visava o remanescente arrependido e não os incrédulos. (CHAMPLIN, vol. 1, 2005a, p. 288). (grifo nosso).

Sobre essa seita, explicam-nos Russell N. Champlin (1933-) e J. M. Bentes: (1932-):

ESSÊNIOS

Eles formavam uma ordem monástica judaica, que parece ter surgido no século II A.C. Eles eram exemplos de uma incomum grandeza moral e pureza espiritual (embora houvesse alguns abusos e distorções). Provavelmente foi a primeira sociedade humana a condenar a escravatura, tanto como princípio quanto como uma prática. Era uma sociedade comunal, esotérica e extremamente ascética. Procurava lugares isolados a fim de ali viverem e porem em prática a sua fé. Uma das regiões escolhidas era aquela em redor do mar Morto. Alguns estudiosos têm associado um ramo dessa seita com os *Manuscritos do Mar Morto*. Os essênios eram uma das três principais seitas judaicas, as outras duas eram os fariseus e os saduceus. (CHAMPLIN e BENTES, vol. 2, 1995b, p. 522). (grifo nosso).

Completando suas explicações, informam-nos:

A Teologia dos Essênios

Grande parte do que os essênios acreditavam já foi descrita - nas seções anteriores - deste artigo. Afastando-se do judaísmo comum, eles rejeitavam a guerra (pois eram pacifistas); demonstravam uma veneração especial pelo sol, embora não saibamos dizer até que ponto isso os conduzia. Eram comunistas

religiosos. Proibiam juramentos. Se excluirmos essas coisas, contudo, suas crenças eram parecidas com as do judaísmo em geral. No entanto, eles eram um movimento restaurador exclusivista, que pensava que o antigo judaísmo apostataria, e que eles eram o verdadeiro Israel. Também é digno de menção o fato de que eles eram deterministas estritos. Eles criam na preexistência e imortalidade da alma, assumindo uma espécie de ponto de vista platônico-filônico sobre a alma. Também acreditavam na reencarnação. A alma, a princípio, habitava na pureza; mas então, ao unir-se com o corpo material, ficou *aprisionada*, e foi assim que a corrupção da alma teve início. Eles supunham que as almas boas iriam para a bem-aventurança, ao passo que as almas más seriam punidas eternamente. As influências religiosas a que estavam sujeitos, e que explicam em parte algumas de suas doutrinas e práticas, parecem ter vindo do judaísmo, especialmente do farisaísmo, do parseísmo, do paganismo sírio, do pitagoreanismo e do neoplatonismo.

Como uma seita distinta, os essênios desapareceram após a destruição de Jerusalém (ano 70 D.C.). Nunca são mencionados no Novo Testamento, embora haja alusões às suas crenças quanto ao celibato, aos juramentos e ao ascetismo. Ver Mat. 5:34ss, 19:11,12 e Col. 2:8,18,23. A referência na epístola aos Colossenses, porém, quase certamente é *ao gnosticismo*. (CHAMPLIN e BENTES, vol. 2, 1995b, p. 524). (grifo nosso).

Ao se afirmar que “suas crenças eram parecidas com as do judaísmo em geral”, não há como não pensar que “quem parece” não é; assim, não se poderia dizer que praticavam o judaísmo, embora, cressem nisso.

Considerações sobre os relatos bíblicos

Como o ritual de iniciação religiosa dos judeus era a circuncisão, certamente, por isso, não encontramos o batismo em nenhum passo do Antigo Testamento.

A primeira vez em que ele aparece, na Bíblia, é no Novo Testamento, quando João, o batista, às margens do rio Jordão, batizava, para o perdão dos pecados, aqueles que confessavam publicamente os seus (Mt 3,6). Jesus vai a seu encontro para ser batizado, mas João reconhecendo que o Mestre é maior que ele Lhe diz: “*Eu é que preciso ser batizado por ti, e tu vens a mim?*” (Mt 3,14); entretanto, por insistência do Messias, batiza-O. Imediatamente após o batismo, uma voz, vinda do céu, afirma: “*Este é o meu filho amado, que muito me agrada*” (Mt 3,17).

É-nos estranha essa atitude de Jesus, porquanto João Batista somente batizava os que vinham a seu encontro para confessar os seus pecados (Mt 3,5-6), o que, segundo Marcos, significava que fazia o batismo de conversão para o perdão dos pecados (Mc 1,4-5). Seria o caso de se perguntar: Jesus, então, tinha pecados? Estaria ele se convertendo naquele momento? Fica-nos difícil aceitar isso...

Observamos que João Batista identificou Jesus como o Messias, fato confirmado pelo plano espiritual (a voz que vinha do céu); diante disso, concluímos que não haveria a mínima possibilidade de dúvida por parte da “*voz que clama no deserto*” de quem Ele era. Entretanto, isso não é um fato, pois, algum tempo depois, logo após ser preso, João Batista manda alguns de seus discípulos perguntarem a Jesus: “*És tu aquele que há de vir, ou devemos esperar outro?*” (Mt 11,2-3). Falta coerência nisso, já que, conforme relatado, João sabia perfeitamente quem era Jesus, e se, porventura, houvesse alguma dúvida de sua parte, ela teria sido completamente sanada pela manifestação espiritual ocorrida após o batismo, que apresenta Jesus como o Messias. Assim, a dúvida é de nossa parte para saber qual das duas situações realmente ocorreu, já que uma é contraditória à outra.

Então, não é de todo improvável que a passagem, que relata o batismo de Jesus, é que não espelhe a realidade, que pode muito bem ter sido criada para validar e justificar o ritual do batismo realizado pelas igrejas ditas cristãs, pois, o que nos é claro é que elas, na verdade, praticam mesmo é o batismo de João. Tal prática ritualística vem, a nosso ver, contrariar o que o próprio João Batista afirmou: “*Eu batizo vocês com água para a conversão. Mas aquele que vem depois de mim é mais forte do que eu. E eu não sou digno nem de tirar-lhe as sandálias. Ele é quem batizará vocês com o Espírito Santo e com fogo*” (Mt 3,11); o que é uma evidente demonstração de que o batismo que ele praticava era um ritual que, após a vinda do Messias, deveria deixar de ser ministrado. Ele colocava, isto sim, o batismo do

"Espírito Santo e com fogo" como aquele a que todos deveriam se submeter, argumento esse que, também, se pode confirmar de uma ordem de Jesus aos apóstolos: *"Não se afastem de Jerusalém. Esperem que se realize a promessa do Pai, da qual vocês ouviram falar: 'João batizou com água; vocês, porém, dentro de poucos dias, serão batizados com o Espírito Santo'"* (At 1,4-5). Por isso, concluímos que o relato do batismo aplicado em Jesus é bem provável que seja mesmo uma interpolação, visto que o batismo que Jesus promete é o "com o Espírito Santo", e não o "com água". Assim, devemos ver que "O símbolo do batismo do Espírito (fogo) e o caráter e os resultados desse batismo mostram a superioridade do ministério de Jesus, em contraste com o de João" (CHAMPLIN, vol. 1, 1995a, p. 287-288). Não devemos desconsiderar que a figura do fogo e do vento são símbolos bíblicos que representam a presença divina (CHAMPLIN e BENTES, 2005b).

Interessante é que os fariseus e os saduceus também queriam ser batizados (Mt 3,7); entretanto, foram prontamente rejeitados, já que João não via neles nenhuma postura de arrependimento. Essa atitude dele nos induz a acreditar que não era mesmo sua intenção colocar o batismo como um ritual, pois, se assim o fosse, ele teria batizado aquela "raça de víboras". João Batista deixou claro o motivo mais importante pelo qual estava batizando ao dizer: *"... para que ele fosse manifestado a Israel, vim eu, por isso, batizando com água"* e *"... o que me mandou a batizar com água, esse me disse: Sobre aquele que vires descer o Espírito, e sobre ele repousar, esse é o que batiza com o Espírito Santo"* (Jo 1,31-33). Ou seja, foi apenas para ele identificar o Messias. Mas, uma vez cumprido esse propósito, já que a Lei e os profetas vigoraram até João (Mt 11,13 e Lc 16,16), deixa de ser necessário o batismo de água praticado por João, passando a vigorar, daí em diante, o batismo verdadeiro, o de Jesus. Este, sim, é o autêntico batismo cristão: com Espírito Santo e com fogo. Com o primeiro simbolicamente se limpa por fora; já com o segundo se transforma por dentro.

Há uma curiosidade nessa passagem de João; vejamo-la a partir do versículo 29 ao 34, deixando em separado o que queremos ressaltar:

"No dia seguinte, João viu Jesus, que se aproximava dele. E disse: 'Eis o Cordeiro de Deus, aquele que tira o pecado do mundo. Este é aquele de quem eu falei: 'Depois de mim vem um homem que passou na minha frente, porque existia antes de mim'.

31. Eu também não o conhecia. Mas vim batizar com água, a fim de que ele se manifeste a Israel." 32. E João testemunhou: "Eu vi o Espírito descer do céu, como uma pomba, e pousar sobre ele.

33. Eu também não o conhecia. Aquele que me enviou para batizar com água, foi ele quem me disse: 'Aquele sobre quem você vir o Espírito descer e pousar, esse é quem batiza com o Espírito Santo'. 34. E eu vi, e dou testemunho de que este é o Filho de Deus." (Jo 1,29-34)

Essa duplicidade de informações dos versículos 31-32 com 33-34 (observar os destaques em negrito), parecem-nos algo sem sentido, "soando" mais como uma tentativa de modificar o texto anterior, que pode até não ter sido o original, já que os originais foram totalmente "perdidos", ao longo do tempo.

Ademais, observemos que, embora Mateus, Marcos e Lucas afirmassem que Jesus tenha sido batizado, João, o evangelista, um dos discípulos bem próximo a Jesus, nada diz sobre isso. É singular este fato, para algo que dizem ser muito importante. E se o batismo fosse tão imprescindível como alguns afirmam, então, por que Jesus não atendeu a João Batista, que Lhe disse *"eu é que devo ser batizado por ti"* (Mt 3,14)? Sem contar que os apóstolos não foram batizados em água, mas o foram no Espírito Santo (At 1,4-5; 2,4). Exatamente por isso é que podemos reafirmar que, a nosso ver, o batismo em água não possui sustentação bíblica para a sua aplicação, pois estaria contrariando a determinação de Jesus, citada em At 1,4-5, cujo teor veremos mais adiante, que é o mesmo que foi revelado a João Batista (Jo 1,33).

Vejamos que Paulo, o apóstolo dos gentios, percebe claramente essa diferença:

"... Paulo... chegou a Éfeso e, achando ali alguns discípulos, perguntou-lhes:

Recebestes vós o Espírito Santo quando crestes? Responderam-lhe eles: Não, nem sequer ouvimos que haja Espírito Santo. Tornou-lhes ele: Em que fostes batizados então? E eles disseram: No batismo de João. Mas Paulo respondeu: João administrou o batismo do arrependimento, dizendo ao povo que cresse naquele que após ele havia de vir, isto é, em Jesus. Quando ouviram isso, foram batizados em nome do Senhor Jesus. Havendo-lhes Paulo imposto as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo, e falavam em línguas e profetizavam” (At 19,1-6).

Com isso fica claro que o batismo de João, ou seja, o de água, não tinha valor; caso contrário, Paulo teria deixado as coisas como estavam, uma vez que já haviam sido submetidos ao batismo de João e não teria ministrado o batismo em nome do Senhor Jesus, que fica claro ser pela imposição das mãos. E quanto ao fato de se batizar “em nome de Jesus” e não “em nome da Trindade” queremos, neste momento, caro leitor, apenas chamar a sua atenção, pois iremos falar sobre isso um pouco mais à frente.

Em outra oportunidade Paulo disse enfático: *“De fato, Cristo não me enviou para batizar, mas para anunciar o Evangelho...” (1Cor 1,17)*, do que podemos ver claramente que, na sua convicção, fundamentada na orientação de Cristo, o batismo não era importante para salvação de ninguém. Além disso, parece-nos bastante inusitado que Jesus não tenha enviado Paulo, o “vaso escolhido” (At 9,15), para batizar, quando supostamente teria instruído os seus discípulos, quanto a essa prática. Aliás, é sabido que a expansão do cristianismo se deve exatamente a ele. Que Jesus tenha realmente orientado os discípulos sobre isso, é, para nós, algo controverso; porém, a instrução *“ide e pregai a todas as nações” (Mt 28,19)* confirma essa instrução a Paulo para anunciar o Evangelho, porquanto, trata-se da mesma coisa com palavras diferentes.

O curioso é que Paulo vai ainda mais longe: também era contrário ao ritual que praticavam naquela época, no caso, a circuncisão. Senão vejamos:

“De resto, cada um continue vivendo na condição em que o Senhor o colocou, tal como vivia quando foi chamado. É o que ordeno em todas as igrejas. Alguém foi chamado à fé quando já era circuncidado? Não procure disfarçar a sua circuncisão. Alguém não era circuncidado quando foi chamado à fé? Não se faça circuncidar” (1Cor 7,17-18).

Evidentemente, não deixou de questionar tal ritual dizendo: *“Qual é a utilidade da circuncisão” (Rm 3,1)?* Ele, Paulo, responde demonstrando que isso não faz a menor diferença: *“Não tem nenhuma importância estar ou não estar circuncidado. O que importa é observar os mandamentos de Deus” (1Cor 7,19)*. Justificando o seu entendimento: *“Então, será que Deus é Deus somente dos judeus? Não será também Deus dos pagãos? Sim, ele é Deus também dos pagãos. De fato, há um só Deus que justifica, pela fé, tanto os circuncidados como os não circuncidados” (Rm 3,29-30).*

Usando dos mesmos argumentos de Paulo, em relação ao batismo de água, diríamos: *“não tem nenhuma importância estar ou não estar batizado, já que o que importa é observar os mandamentos de Deus”.*

Oportuno registrarmos estas considerações de Champlin a respeito de Paulo:

Dando prosseguimento às definições expostas pelo apóstolo Paulo, devemos também observar que em *nenhuma* de suas passagens dogmáticas acerca da salvação ele vincula o batismo em água com a mesma. Os capítulos primeiro a quinto de sua epístola aos Romanos, onde ele considera cuidadosamente toda a questão da justificação e com minúcias, devem ser objeto de nosso exame. Não há ali qualquer alusão ao batismo em água. Chegando ao sexto capítulo dessa mesma epístola, onde o batismo em água é símbolo de nossa união vital e essencial com Cristo, em sua morte e ressurreição - a morte ao pecado, a ressurreição à vida que conduz à salvação - é impossível pensarmos, por esse trecho, que o batismo em água ocupasse a elevada posição, no cristianismo primitivo, que o mesmo ocupa dentro do esquema falso da regeneração batismal. Ora, Paulo jamais teria ignorado a posição do batismo em água, em suas passagens dogmáticas sobre a salvação, se esse fizesse parte integrante da salvação. É muito árduo para a fé de quem quer que seja pensar que Paulo tenha defendido qualquer doutrina que se assemelhasse, ainda que

remotamente, à regeneração pelo batismo, se por *batismo*, estivéssemos nos referindo ao ato externo de sermos batizados em água, mediante aspersão, derramamento, imersão ou qualquer outro modo. (CHAMPLIN, vol. 3, 2005c, p. 67). (grifo nosso).

Portanto, fica clara a posição do batismo em água no cristianismo nascente.

Os dois períodos para o evento

Para análise e melhor entendimento desse assunto, podemos dividir os acontecimentos em dois períodos: o primeiro é relacionado aos que sucederam durante a vida de Jesus, enquanto que o segundo se refere aos ocorridos depois de sua morte. Isso é importante para separar o joio do trigo; mas, para tanto, devemos, primeiramente, questionar: Jesus batizou alguém? Orientou a seus discípulos a fazê-lo? Teriam sido eles batizados? Se Jesus falou de algum batismo, devemos procurar saber qual. Vejamos o que podemos encontrar no primeiro período dos acontecimentos.

Quanto a saber se Jesus batizou alguém, só no Evangelho de João é que vamos encontrar algo a esse respeito. Em determinado momento ele diz que sim, ou seja, que Jesus batizava; porém depois desmentiu e disse que não; mas quem batizava eram seus discípulos (Jo 4,1-2). Em relação a seus discípulos é fato curioso, pois nenhum dos outros evangelistas afirmou isso; somente em João é que consta essa história, que mais parece ser "história" mesmo. Isso é incomum, pois não vemos, em momento algum, Jesus orientando a seus discípulos para que realizassem tal prática, o que podemos comprovar com o seguinte passo:

"Então Jesus chamou seus discípulos e deu-lhes poder para expulsar os espíritos maus, e para curar qualquer tipo de doença e enfermidade... Jesus enviou os Doze com estas recomendações:... 'Curem os doentes, ressuscitem os mortos, purifiquem os leprosos, expulsem os demônios. Vocês receberam de graça, deem também de graça!...'" (Mt 10,1-8, ver tb Mc 3,14-15 e Lc 9,1-2).

Por outro lado, mesmo que seja verdadeira a hipótese dos discípulos de Jesus estarem batizando, isso não significa que praticavam o batismo em água, porquanto, o texto de João (Jo 4,1-1) não especifica qual tipo de ritual eles estariam adotando.

De outra feita, Jesus faz várias recomendações a setenta e dois discípulos (Lc 10,1) não estando, também, entre elas o batismo. Assim, observamos que Jesus, quando vivo, passou várias orientações aos discípulos, mas não há nenhuma relacionada ao batismo. Será que depois de morto teria mudado de ideia, uma vez que tal recomendação só aparece após este fato? É o que veremos agora.

Entrando agora no segundo período, perguntamos: depois de sua morte, o que aconteceu? Encontramos no evangelho apenas duas passagens em que, supostamente, Jesus teria orientado o batismo. Falamos supostamente, pois demonstraremos que uma delas é interpolação grosseira e a outra um reconhecido acréscimo ao texto primitivo.

Analisemos a primeira passagem em que aparecem as orientações de Jesus ressurreto aos discípulos (ver tb Mc 16,14-18):

Mt 28,16-20: "Os onze discípulos foram para a Galileia,... Então Jesus se aproximou, e falou: '... Portanto, vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo o que ordenei a vocês...'".

Essa passagem é o que, por último, encontramos em Mateus, fechando, vamos assim dizer, o seu evangelho; porém, é somente nele que se vê a recomendação de se batizar "em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo"; ou seja, em toda a Bíblia é o único passo que diz isso. Chama-nos a atenção o fato de que, naquela época, não se acreditava na Trindade, provando que isso é uma vergonhosa interpolação para justificar a reimplantação de práticas ritualistas pagãs, posteriormente à morte de Jesus. Agiram dessa forma para transparecer que era coisa comum no período em que Ele ainda vivia entre os discípulos.

Léon Denis (1846-1927), em *Cristianismo e Espiritismo*, disse:

Depois da proclamação da divindade de Cristo, no século IV, depois da introdução, no sistema eclesiástico, do dogma da Trindade, no século VII, muitas passagens do Novo Testamento foram modificadas, a fim de que exprimissem as novas doutrinas (Ver João I, 5,7). “Vimos, diz Leblois (145), na Biblioteca Nacional, na de Santa Genoveva, na do mosteiro de Saint-Gall, manuscritos em que o dogma da Trindade está apenas acrescentado à margem. Mais tarde foi intercalado no texto, onde se encontra ainda”.

(145) “As biblias e os iniciadores religiosos da humanidade”, por Leblois, pastor de Strasburgo.

(DENIS, 1987, p. 272). (grifo nosso).

Grifamos apenas para ressaltar que a origem dessa informação foi tirada da fala de um pastor; isto é importante para demonstrar a imparcialidade de quem dá a notícia.

Entretanto, para nossa própria e grata surpresa, conseguimos também perceber essa interpolação, ao lermos Orígenes (185-254), considerado como um dos “Pais da Igreja”, que viveu na Antiguidade cristã. Na sua obra apologética intitulada *Contra Celso* (cerca de 248), ele, refutando as críticas deste filósofo pagão contra os cristãos, transcreve, em seu discurso, muitas passagens bíblicas, e, entre elas, cita Mt 28,19 com o seguinte teor: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos” (ORÍGENES, 2004, p. 154), o que atesta que a expressão “batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” foi mesmo um acréscimo posterior, para, certamente, com ele se justificar o dogma da Trindade.

O historiador e professor da Universidade Hebraica de Jerusalém, David Flusser (1917-2000), que lecionou no Departamento de Religião Comparada por mais de 50 anos, nascido na Áustria, foi estudioso da literatura clássica e talmúdica, conhecia 26 idiomas, informa que:

De acordo com os manuscritos de Mateus que foram preservados, o Jesus ressuscitado ordenou aos seus discípulos batizar todas as nações “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”. A fórmula trinitária franca, aqui, é de fato notável, mas já foi mostrado que a ordem para batizar e a fórmula trinitária faltam em todas as citações das passagens de Mateus nos escritos de Eusébio anteriores ao Concílio de Niceia. O texto de Eusébio de Mt 28:19-20 antes de Niceia era o seguinte: “Ide e tornai todas as nações discipulas em meu nome, ensinando-as a observar tudo o que vos ordenei”. Parece que Eusébio encontrou essa forma do texto nos códices da famosa biblioteca cristã em Cesareia.⁷⁵ Esse texto mais curto está completo e coerente. Seu sentido é claro e tem seus méritos óbvios: diz que o Jesus ressuscitado ordenou que seus discípulos instruissem todas as nações em seu nome, o que significa que os discípulos deveriam ensinar a doutrina de seu mestre, depois de sua morte, tal como a receberam dele. (FLUSSER, 2001, p. 156). (grifo nosso).

O “ide e tornai todas as nações discipulas em meu nome, ensinando-as a observar tudo o que vos ordenei”, aqui citado, é algo que não se pode desprezar, porquanto, Eusébio de Cesareia (c 265-339), defendendo a divindade de Cristo, em *História Eclesiástica*, nada advogou a favor da Trindade, que é justamente o que se quer fazer crer existir no texto de Mateus (28,19-20).

É importante, também, transcrevermos a nota 75 em que Flusser menciona a sua base de informação:

Ver D. Flusser, “The Conclusion of Matthew in a New Jewish Christian Source”, *Annual of the Swedish Theological Institute*, vol. V, 1967, Leiden, 1967, pp. 110-20; Benjamin J. Hubbard, “The Matthean Redaction of a Primitive Apostolic Commissioning”, SBL, *Dissertation Series* 19, Montana, 1974. Mais testemunho da conclusão não-trinitária de Mateus está preservado num texto copta (ver E. Budge, *Miscellaneous Coptic Texts*, Londres, 1915, pp. 58 e seguintes, 628 e 636), onde é descrita uma controvérsia entre Cirilo de Jerusalém e um monge herético. “E o patriarca Cirilo disse ao monge: ‘Quem te mandou pregar essas coisas?’ E o monge lhe disse: ‘O Cristo disse: Ide a todo o mundo e pregai a todas as nações em Meu nome em cada lugar’. O texto é citado por Morcon Smith, *Clement of Alexandria and a Secret Gospel of Mark*,

Harvard University Press, Cambridge, Mass, 1973, p. 342-6. (FLUSSER, 2001, p. 170). (grifo nosso).

Na sequência, Flusser diz que...

“um testemunho adicional das versões mais curtas de Mt 28:19-20a foi descoberto há pouco tempo numa fonte judeu-cristã...” (FLUSSER, 2001, p. 156), citando como fonte: “Sh. Pinès, 'The Jewish Christians of the Early Centuries of Christianity According to a New Source', *The Israel Academy of Sciences and Humanities Proceedings*, vol. II, nº 13, Jerusalém, 1966, p. 25”. (FLUSSER, 2001, p. 170). (grifo nosso).

Apresentamos o jornalista espanhol Pepe Rodríguez (1953-), que abordando esse assunto, na obra *Mentiras fundamentais da Igreja Católica*, afirma o seguinte:

[...] a Igreja, ao basear-se em Mt 28,19, para afirmar que é católica, “porque a missão que lhe foi atribuída por Cristo se refere à totalidade do género humano”, comete dois atropelos. Por um lado, baseia-se num versículo que é uma interpolação, dado tratar-se de um versículo que foi posteriormente acrescentado ao texto original de Mateus. [...] (RODRÍGUES, 2007, p. 210). (grifo nosso).

Para corroborar tudo isso, iremos apresentar a opinião de Geza Vermes ((1924-), um dos maiores especialistas sobre a história do cristianismo, que, falando sobre esse passo, disse:

[...] Nos programas missionários anteriores, não houve questão quanto ao batismo, e menos ainda quanto a batizar nações inteiras. Além disso, o batismo administrado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo não tem precedente não só nos Evangelhos, mas também em qualquer lugar de todo o Novo Testamento. A fórmula que ocorre em Atos dos Apóstolos é batismo “em nome de” Jesus (At 2,38; 8,16; 10,48; 19,5) e, em Paulo, batismo “em Cristo” (Rm 6,3; Gl 3,27). Fora de Mateus, a fórmula trinitária, Pai, Filho e Espírito Santo ocorre pela primeira vez no manual litúrgico da igreja primitiva intitulado Didaqué ou Instrução dos Doze Apóstolos, que é datado da primeira metade do século II d.C. Tudo isso aponta para uma origem tardia de Mt 28,18-20. [...] (VERMES, 2006, p. 377-378). (grifo nosso).

Com base nessa citação de Vermes, podemos colocar dois argumentos para contradizer essa passagem de Mateus: 1º) é que Jesus, quando vivo, não recomendou o batismo de água, mas um outro, o que veremos mais à frente; 2º) em Atos (2,38; 8,16; 10,48 e 19,5) temos a prova de que se batizava somente “em nome de Jesus”, evidenciando falta grave de quem fez a interpolação por não ter percebido esse pequeno detalhe. Eh!... Não há mesmo crime perfeito!

Mas esse fato não passou despercebido pelos tradutores da *Bíblia de Jerusalém*, que o minimizam dizendo:

É possível que, em sua forma precisa, essa fórmula reflita influência do uso litúrgico posteriormente fixado na comunidade primitiva. Sabe-se que o livro dos Atos fala em batizar “no nome de Jesus” (cf. At 1,5+; 2,38+). Mais tarde deve ter-se estabelecido a associação do batizado às três pessoas da Trindade. Quaisquer que tenham sido as variações nesse ponto, a realidade profunda permanece a mesma. O batismo une à pessoa de Jesus Salvador; ora, toda a sua obra salvífica procede do amor do Pai e se completa pela efusão do Espírito. (explicação para Mt 28,19, p. 1758). (grifo nosso).

A segunda passagem, em que se supõe Jesus ter dito algo sobre o batismo, é essa:

Mc 16,14-16: “Por fim, Jesus apareceu aos onze discípulos... disse-lhes: ‘Vão pelo

mundo inteiro e anunciem a Boa Notícia para toda a humanidade. Quem acreditar e for batizado, será salvo. Quem não acreditar, será condenado”.

Aqui se percebe claramente que atribuíram essas palavras a Jesus, fato tão óbvio que se torna difícil negar, especialmente se verificarmos dois pormenores na frase: “*quem não acreditar, será condenado*”. O primeiro é que para ela ser coerente com a afirmativa antecedente de “*quem acreditar e for batizado, será salvo*”, teria que ser uma sentença negativa da seguinte forma: “*Quem não acreditar e não for batizado, será condenado*”. No segundo, temos que se Jesus só pregou o amor, e sempre admitiu o livre-arbítrio (quem tem ouvidos ouça), jamais imporia um castigo condenando alguém a alguma coisa. Vale relembrar o que falou à mulher surpreendida em adultério, que Lhe foi apresentada para que dissesse o que fazer: “*Eu também não a condeno. Pode ir, e não peque mais*”. (Jo 8,1-11). Podemos até sugerir que se faça um teste de veracidade desse passo, recomendando o que se diz sobre os sinais que seguirão aos que creem. O teste é simples: basta que peguem em serpentes e bebam algum veneno mortífero, pois, na sequência imediata, o texto afirma que nada disso lhes fará mal (Mc 16,17-18). Essa, pagamos para ver...

Além disso, se compararmos essa passagem com o que encontramos em Atos, veremos que não era esse o pensamento corrente, já que nessa outra nem se fala em batismo; vejamos: “*Crê no Senhor Jesus, e serás salvo, tu e tua casa*” (At 16,31). Desconcertante é que, nesse versículo, se diz que apenas “um da família” precisa crer para que sua casa, quer dizer, toda sua família, seja salva. Já no verso de Marcos a norma é outra, uma vez que não só nada foi dito dos familiares, mas, também, porque afirma que a regra para todos é: “*quem crer e for batizado...*”, levando-nos a uma certeza de ser interpolação mal feita.

Mais complexa fica essa questão da salvação, já que também está dito: “*... o Evangelho que vos preguei, por ele sereis salvos...*” (1Cor 15,1-2), deixando-nos completamente perdidos quanto a saber o que efetivamente irá nos salvar; fora o que foi afirmado por Jesus: “*a cada um segundo suas obras*” (Mt 16,27).

Entretanto, para não dar a impressão de que isto é só opinião nossa, vamos apresentar o que disseram os tradutores da *Bíblia de Jerusalém*. Leiamos suas observações relativas a Marcos, capítulo 16, versículos de 9 a 20:

O trecho final de Mc (vv. 9-20) faz parte das Escrituras inspiradas; é tido como canônico. Isso não significa necessariamente que foi escrito por Mc. De fato, põe-se em dúvida que este trecho pertença à redação do segundo evangelho. – As dificuldades começam na tradição manuscrita. Muitos mss, entre eles o do Vat. e o Sin., omitem o final atual... A tradição patrística dá também testemunho de certa hesitação. – Acrescentemos que, entre os vv. 8 e 9, existe, nessa narrativa, solução de continuidade. Além disso, é difícil admitir que o segundo evangelho, na sua primeira redação, terminasse bruscamente no v. 8. Donde a suposição de que o final primitivo desapareceu por alguma causa por nós desconhecida e de que o atual fecho foi escrito para preencher a lacuna. Apresenta-se como um breve resumo das aparições do Cristo ressuscitado, cuja redação é sensivelmente diversa da que Marcos habitualmente usa, concreta e pitoresca. Contudo, o final que hoje possuímos era conhecido, já no séc. II por Taciano e santo Ireneu, e teve guarida na imensa maioria dos mss gregos e outros. Se não se pode provar ter sido Mc o seu autor, permanece o fato de que ele constitui, nas palavras de Swete, “uma autêntica relíquia da primeira geração cristã”. (Bíblia de Jerusalém, p. 1785). (grifo nosso).

Apesar desses argumentos, é certo que ainda encontraremos pessoas que continuarão a aceitar a frase como verdadeira. Mesmo que fosse, por coerência, é muito improvável que Jesus tivesse falado do batismo de João. O mais certo é que tivesse se referido ao batismo “com Espírito Santo e com fogo”, pois é o que sucede a todo aquele que crê em suas palavras e pratica seus ensinamentos.

Concordamos plenamente com a afirmativa de que no texto existe solução de continuidade (Houaiss: divisão, interrupção, hiato), fácil de se perceber. Nos versículos 1 a 7, conta que, juntamente com Maria, mãe de Tiago e Salomé, Maria Madalena foi ao sepulcro bem cedo no primeiro dia da semana. Entraram no túmulo - o verbo no plural implica que

foram as três -, porém nele encontraram somente um jovem que disse que Jesus havia ressuscitado e que era para elas darem essa notícia aos discípulos, orientando-os para irem para a Galileia onde o veriam. E aí seguem os versículos 8 a 11, que transcrevemos:

"8. Então as mulheres saíram do túmulo correndo, porque estavam com medo e assustadas. E não disseram nada a ninguém, porque tinham medo.

9. Depois de ressuscitar na madrugada do primeiro dia após o sábado, Jesus apareceu primeiro a Maria Madalena, da qual havia expulsado sete demônios.

10. Ela foi anunciar isso aos seguidores de Jesus, que estavam de luto e chorando.

11. Quando ouviram que ele estava vivo e fora visto por ela, não quiseram acreditar".

Percebe-se que realmente falta algo para completar o versículo 8, pois a interrupção abrupta é evidente. Entretanto, isso não faz dos versículos 9 a 20 o complemento correto desse capítulo. Aliás, o que constatamos aqui foram três incoerências:

1ª) se foram ao túmulo também Maria, mãe de Tiago e Salomé, por que Jesus somente apareceu a Maria Madalena se essas três mulheres estavam juntas, até mesmo quando entraram no túmulo?;

2ª) se foi afirmado que encontraram no túmulo um jovem e não a Jesus, então, Ele, de fato, até aí, não aparecera a ninguém;

3ª) como o versículo 9 trata do mesmo fato dos versículos anteriores (1 a 7) e vemos no versículo 8 que as mulheres saíram correndo do túmulo, sem que Jesus tivesse aparecido a elas, mas apenas um jovem (anjo), como, na sequência (versículo 9), é dito ter Jesus aparecido a Maria Madalena, e só a ela? Ora, como foi o anjo que apareceu, Jesus só poderia ter aparecido após o anjo, hipótese em que elas já não estariam mais no túmulo, pois, de acordo com o versículo 8, elas saíram correndo; logo, igual às outras mulheres, ela já não estava mais lá; além disso, Madalena não estava sozinha...

Que essa passagem de Marcos não deveria ser usada para sustentar o batismo que praticam é um fato. Inclusive é o que podemos comprovar pela opinião do tradutor da *Bíblia Anotada* que, em relação a Mc 16,9-20, diz: "... A discutível genuinidade dos vv. 9-20 torna pouco sábio construir uma doutrina ou basear uma experiência sobre eles (especialmente os vv. 16-18)" (Bíblia Anotada, p. 1265). E, especificamente, quanto ao versículo 16, ele explica: "Esta pode ser uma referência ao batismo do Espírito Santo (1Cor 12:13). O batismo com água não salva (veja as notas sobre At. 2:38; 1Pe 3:21)" (Bíblia Anotada, p. 1265). (grifo nosso).

Entretanto, sabemos existir corrente religiosa que se apoia nela para não batizar as crianças, mas somente os adultos. Argumentam que é necessário "crer primeiro" para então ser batizado; e como uma criancinha não tem condições de crer em nada, não tem sentido batizá-la, só fazendo isso mais tarde, na época em que já tenha adquirido a capacidade de decidir por si mesma a sua crença em Jesus. Aliás, como Ele também não foi batizado em criança, tomam disso um outro argumento para não realizar o batismo naqueles que ainda estão se alimentando do leite materno. Seria até um bom argumento desde que não estivesse baseado nessa passagem.

Mais outras opiniões sobre essa parte do evangelho de Marcos:

Mc 16,9-20: Este trecho difere muito do livro até aqui; por isso é considerado obra de outro autor. Os cristãos da primeira geração provavelmente quiseram completar o livro de Marcos com um resumo das aparições de Jesus e uma apresentação global da missão da Igreja. Parece que se inspiraram no último capítulo de Mateus (28,18-20), em Lucas (24,10-53), em João (20,11-23) e no início do livro dos Atos dos Apóstolos (1,4-14). (Bíblia Sagrada, Edição Pastoral, p. 1307). (grifo nosso).

Mc 16,1-8: A conclusão original do evangelho de Marcos é surpreendente e desconcertante, a ponto de os escritores posteriores terem acrescentado um epílogo, respaldado como canônico pela autoridade da Igreja... (Bíblia do Peregrino, p. 2446) (grifo nosso).

Mc 16,9: A passagem 9-20 falta nos manuscritos mais antigos. Não é provavelmente de Marcos. (Bíblia Sagrada Editora Ave Maria, p. 1344). (grifo

nosso).

Mc 16:9-20: Estes versículos não aparecem em dois dos principais manuscritos do Novo Testamento, embora estejam presentes num grande número de outros manuscritos e versões. Se eles não forem parte genuína do texto de Marcos, o final abrupto do v. 8 deve-se, provavelmente, à perda dos versículos que formavam a conclusão original. [...] (Bíblia Anotada, p. 1265) (grifo nosso).

Seguindo em nossa análise, veremos que, pelo evangelho de Lucas (cap. 24), nada foi recomendado aos discípulos com relação a esse nosso assunto. Mas, como Lucas, segundo os exegetas, é o autor do livro Atos dos Apóstolos, é nele que encontramos as recomendações de Jesus, na versão desse evangelista:

At 1,1-5: "... Jesus começou a fazer e ensinar, desde o princípio, até o dia em que foi levado para o céu. Antes disso, ele deu instruções aos apóstolos que escolhera, movido pelo Espírito Santo... Estando com os apóstolos numa refeição, Jesus deu-lhes esta ordem: 'Não se afastem de Jerusalém. Esperem que se realize a promessa do Pai, da qual vocês ouviram falar: 'João batizou com água; vocês, porém, dentro de poucos dias, serão batizados com o Espírito Santo'...'".

Conforme já dissemos anteriormente, Jesus pregou, sim, um batismo, mas o batismo do Espírito Santo e não o da água. E aqui, dessa passagem, não consta que devemos ser batizados "em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo", como está em Mateus, evidenciando, mais uma vez, que isso é mesmo uma interpolação. E, em relação aos discípulos, o batismo do Espírito Santo, foi o único ao qual eles se submeteram; o que nos leva a concluir que, caso houvesse necessidade de batismo, esse é o que deveria ter sido feito. O cotejo entre "João batizou com água" e "vocês, porém,... serão batizados com o Espírito Santo" demonstra, de forma cristalina, ser este último o que deve prevalecer, conforme já o dissemos.

Sobre esse passo, vejamos como Champlin o aborda:

Na história da interpretação desse batismo do Espírito Santo, originalmente se entendia que era algo separado e distinto do batismo em água; mas, finalmente, veio a ficar ligado a essa ordenança externa, especialmente naquelas porções da igreja cristã onde eram exageradas a importância e as bênçãos decorrentes do batismo em água. Porém, essa associação do batismo do Espírito Santo e sua operação, com o batismo em água, labora em erro patente, porque se trata de duas coisas inteiramente separadas, porquanto em sentido algum o batismo em água pode realizar o que o batismo do Espírito Santo visa fazer no crente. Alguns intérpretes procuram mostrar que o batismo em água confere ao indivíduo aquilo que o batismo do Espírito Santo promete fazer, e usam o trecho de Atos 19:1-6 na tentativa de demonstrá-lo. Porém, apesar de ser verdade que o batismo cristão em água é exaltado nessa passagem do batismo de João, contudo, o sexto versículo, que descreve a imposição de mãos por parte dos apóstolos, que conferiu aos indivíduos envolvidos no relato o batismo ou plenitude do Espírito, aparece como algo separado e distinto, isto é, uma ação distinta do batismo em água, que aparece no quinto versículo daquele mesmo capítulo, sendo evidente que as duas coisas não têm por intuito ser entendidas como se fossem a mesma coisa, partes integrantes de uma mesma ação e bênção. As interpretações sacramentais do batismo em água, entretanto, têm exagerado e obscurecido o seu sentido, o qual, apesar de importante, não é mesmo atribuído ao batismo do Espírito Santo. (CHAMPLIN, vol. 3, 2005c, p. 25). (grifo nosso).

Podemos, ainda nesse ponto, colocar o que Pedro disse: "Foi então que me lembrei da declaração do Senhor, quando disse: 'É verdade que João batizou com água, mas vós sereis batizados no Espírito Santo'" (At 11,16). Essa passagem confirma a citada anteriormente, na qual se encontra o que Lucas disse.

E, por fim, vejamos a narrativa de João.

Jo 20,19-23: *"Era o primeiro dia da semana. Ao anoitecer desse dia, estando fechadas as portas do lugar onde se achavam os discípulos por medo das autoridades dos judeus, Jesus entrou. Ficou no meio deles e disse: 'A paz esteja com vocês'. '... Assim como o Pai me enviou, eu também envio vocês'. Tendo falado isso, Jesus soprou sobre eles, dizendo: 'Recebam o Espírito Santo. Os pecados daqueles que vocês perdoarem, serão perdoados. Os pecados daqueles que vocês não perdoarem, não serão perdoados'".*

Em João não encontramos Jesus recomendando diretamente nenhum tipo de batismo. Mas, por outras passagens, já citadas, podemos entender que "ao soprar sobre os discípulos" Jesus estava realizando o batismo do Espírito Santo, aquele que tinha prometido a eles. Inclusive, era esse o praticado pelos discípulos; senão vejamos:

At 2,38: *"Pedro lhes respondeu: 'Converti-vos e cada um peça o batismo em nome de Jesus Cristo, para conseguir perdão dos pecados. Assim receberéis o dom do Espírito Santo'".*

At 10,44-48: *"Pedro ainda falava, quando o Espírito Santo desceu sobre todos os que escutavam seu discurso. Os fiéis de origem judaica, que tinham ido de Jope com Pedro, ficaram admirados por verem que o dom do Espírito Santo tinha sido derramado também sobre os não-judeus. De fato, eles os ouviam falar em diversas línguas e glorificar a Deus. Então Pedro disse: 'Quem poderá recusar a água do batismo a esses, que receberam o Espírito Santo da mesma forma que nós?' E decidiu que fossem batizados em nome de Jesus Cristo...".*

Observe, caro leitor, que uma parte do passo de Atos 10,44-48 tem tudo para ter sofrido uma interpolação; talvez por quererem justificar o batismo com água. Vejamos o trecho para análise: *"Então Pedro disse: 'Quem poderá recusar a água do batismo a esses, que receberam o Espírito Santo da mesma forma que nós?'".* Se dele retirarmos a expressão "a água do batismo" o texto estaria mais coerente em sua estrutura e significado; senão vejamos: *"Quem poderá recusar a esses, que receberam o Espírito Santo da mesma forma que nós?"* Assim, percebemos que a expressão "a água do batismo" não tem nada a ver com o assunto abordado por Pedro, que, certamente, questionava se essas pessoas iriam ser recusadas, mesmo depois de terem recebido o "dom do Espírito Santo". Isso pode ser facilmente confirmado na sequência de Atos, quando narra Pedro tentando explicar o acontecido aos fiéis de origem judaica:

At 11,15-18: *"Logo que comecei a falar, o Espírito Santo desceu sobre eles, da mesma forma que desceu sobre nós no princípio. Então eu me lembrei do que o Senhor havia dito: 'João batizou com água, mas vocês serão batizados no Espírito Santo'. Deus concedeu a eles o mesmo dom que deu a nós por termos acreditado no Senhor Jesus Cristo. Quem seria eu para me opor à ação de Deus?' Ao ouvir isso, os fiéis de origem judaica se acalmaram e glorificaram a Deus, dizendo: 'Também aos pagãos Deus concedeu a conversão que leva para a vida!'".*

Diante disso, a questão da expressão "a água do batismo", em At 10,47, nos remete a uma interpolação, visando justificar a instituição do ritual do batismo de água.

Ressaltamos, também, a questão falada anteriormente, quando comentamos At 19,1-6, sobre a fórmula do batismo, que, ao invés de "em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo", batizavam somente "em nome de Jesus". Aliás, com relação a essa última expressão, podemos encontrar dez outras passagens [1] nas quais se diz para fazer algo "em nome de Jesus", enquanto que nenhuma em relação à primeira, pois a única encontrada provou-se ser uma interpolação. Mesmo que se aceite o batismo de água, vê-se que a decisão de Pedro em At 10,48 foi a de batizar em nome de Jesus e não no da "santíssima" trindade.

Em meio ao que conseguimos levantar nos Atos dos Apóstolos, encontramos duas passagens interessantes; uma confirma tudo a respeito do batismo do Espírito Santo, enquanto a outra estabelece um certo conflito com isso; vejamo-las:

¹ Mt 18,5; 18,20; 24,5; Mc 9,39; 9,41; 16,17; Jo 14,13-14; 14,26; 15,26; 16,23-24.26.

At 8,15-18: *“Ao chegarem, Pedro e João rezaram pelos samaritanos, a fim de que eles recebessem o Espírito Santo. De fato, o Espírito ainda não viera sobre nenhum deles; e os samaritanos tinham apenas recebido o batismo em nome do Senhor Jesus. Então Pedro e João impuseram as mãos sobre os samaritanos, e eles receberam o Espírito Santo. Simão viu que o Espírito Santo era comunicado através da imposição das mãos...”*

At 19,3-6: *“Paulo perguntou: 'Que batismo vocês receberam?' Eles responderam: 'O batismo de João'. Então Paulo explicou: 'João batizava como sinal de arrependimento e pedia que o povo acreditasse naquele que devia vir depois dele, isto é, em Jesus'. Ao ouvir isso, eles se fizeram batizar em nome do Senhor Jesus. Logo que Paulo lhes impôs as mãos, o Espírito Santo desceu sobre eles, e começaram a falar em línguas e a profetizar”.*

Na primeira, a impressão que se tem é que havia um batismo em nome de Jesus, talvez se referindo ao batismo em água, e um outro no qual receberam o Espírito Santo; enquanto que, na segunda, o batizar em nome de Jesus se liga ao batismo do Espírito Santo, realizado pela imposição de mãos. Então surge a natural dúvida: haverá dois batismos? Bom; quem irá nos responder essa questão é Paulo, que, taxativo, disse aos efésios: *“há um só Senhor, uma só fé, um só batismo”* (Ef 4,5).

Há ainda uma outra passagem bíblica em que, apesar de não se relacionar ao batismo, querem os teólogos, com suas interpretações dogmáticas, atribuir-lhe tal sentido. É a passagem que narra o diálogo de Jesus com Nicodemos, conforme o evangelho de João:

Jo 3,1-12: *“[...] Jesus lhe respondeu: ‘Em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus’. Disse-lhe Nicodemos: ‘Como pode um homem nascer, sendo velho? Poderá entrar segunda vez no seio de sua mãe e nascer?’ Respondeu-lhe Jesus: ‘Em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus. O que nasceu da carne é carne, o que nasceu do Espírito é espírito. Não te admires de eu te haver dito: deveis nascer de novo. O vento sopra onde quer e ouves o seu ruído, mas não sabes de onde ele vem nem para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito’. Perguntou-lhe Nicodemos: ‘Como isso pode acontecer?’ Respondeu-lhe Jesus: ‘És mestre em Israel e ignoras essas coisas? Em verdade, em verdade, te digo: falamos do que sabemos e damos testemunho do que vimos, porém, não acolheis o nosso testemunho. Se não credes quando vos falo das coisas da terra, como creereis quando vos falar das coisas do céu?’”*

Sobre esse assunto, o primeiro ponto, inclusive, já poderíamos ter falado antes, quando citamos trechos do evangelho de João. É que nos parece muito estranho atribuir a autoria desse evangelho a ele, porquanto sabemos que foi escrito em grego - por volta de 100 d.C. - e que, como Pedro, João era iletrado e sem instrução (At 4,13), ficando-nos uma enorme suspeita de que “falaram” por ele; ou, então, isso veio por uma provável psicografia. O segundo é em relação ao fato de que Jesus não batizou nem recomendou batismo de água a ninguém, conforme estamos constatando neste estudo.

Quanto ao conteúdo deste texto, não há explicação para que Nicodemos “ignorasse essas coisas”, sendo ele um membro do Sinédrio, especialmente se Jesus estivesse se referindo ao batismo, pois, se fosse isso mesmo, certamente ele o teria entendido. Se ignorava, é porque, na verdade, era sobre outra coisa que Jesus lhe falava. Pelos seus questionamentos a Jesus, fica claro que era algo muito mais profundo do que um simples ritual, como o do batismo; portanto, seria um assunto mais complexo que esse. Com certeza, a reencarnação é algo assim, já que a maioria das pessoas, por *“ignorar essas coisas”*, não sabe exatamente como pode *“um homem velho voltar a nascer de novo; porventura, irá entrar no seio de sua mãe e nascer?”* A esses, Jesus replicaria, como já o fizera antes: *“Não te admires disso”*.

Para justificarem o batismo nessa passagem concentram seus argumentos no trecho *“quem não nascer da água”*, pretendendo jogar por terra todo o simbolismo que, naquele tempo, se via nisso:

[...] A água tinha grande simbolismo entre os hebreus: tanto o espírito como as águas são fecundos (Is 32:15; 44,3; Ez 36:25-27); o espírito é coisa que Deus envia e derrama, como água (Jl 3,1-2; Zc 12;10). Água era uma expressão para indicar influências boas ou más, como no (Sl 1,3): "Pois será como a árvore plantada junto a ribeiros de águas, a qual dá o seu fruto na estação própria, e cujas folhas não caem; e tudo quanto fizer prosperará". [...] (PALHANO, 2001, p. 403).

Então, concluímos que Jesus, após sua ressurreição, manteve-se coerente com o que pensava sobre o batismo aquoso antes de sua morte; a mudança ocorreu por conta de interpolações e acréscimos. Ainda bem!

Conclusão

A justificativa de alguns para o ritual do batismo, é porque todos, ao nascermos, trazemos como herança (genética?) o pecado original. De fato, é bastante "original" o pecado de Adão e Eva; apenas isso, pois, ao imputarem-no a todos nós, além de cometerem a maior das injustiças, é contrário ao que determina "a palavra de Deus", para usar da linguagem dos dogmáticos:

Dt 24.16: "Os pais não serão mortos pela culpa dos filhos, nem os filhos pela culpa dos pais. Cada um será executado por causa de seu próprio crime"; ou

Ez 19,20: "O indivíduo que peca, esse é que deve morrer. O filho nunca será responsável pelo pecado do pai, nem o pai será culpado pelo pecado do filho".

Mas, se tal coisa é verdadeira, se devemos ser batizados por conta do pecado original, então como justificar o batismo de Jesus, já que todos nós acreditamos que Ele tenha nascido puro? Por que Jesus nunca disse: Vá, seja batizado e será salvo? Evidentemente é porque Jesus nunca pregou o batismo de João, apesar de, conforme já o dissemos, encontrarmos uma passagem bíblica (Mc 16,14-16), sobre a qual já comentamos, colocando isso como se fossem palavras de Jesus.

Por outro lado, entre o ritual do batismo praticado por João Batista e o realizado hoje em dia, há grande diferença, pois o anterior era o batismo do arrependimento que só era realizado após a pessoa confessar seus pecados, o que não acontece quando, por exemplo, se batiza uma criança recém-nascida. De fato, o batismo nos primeiros tempos do cristianismo era tido como sendo um ritual que conferia uma espécie de selo ao novo cristão, ao novo convertido, ou seja, o ritual não era uma causa, mas uma consequência da conversão. E hoje, mesmo no caso de pessoas adultas, que fizeram "estudo bíblico" para se batizarem, elas não confessam seus pecados nem antes, nem durante, nem após a cerimônia. Além disso, o ritual era o de submersão (mergulho); mas vemos que, nas práticas atuais, nem sempre o fazem dessa forma, já que, em determinadas correntes religiosas, apenas se espargue água sobre o crente, enquanto que em outras se derrama água sobre a sua cabeça. Com isso, ratificamos o que dissemos anteriormente sobre as igrejas cristãs praticarem mesmo é só o batismo de João.

Mas, quem tem razão? Qual dos "Espíritos Santos" lhes está inspirando o batismo correto? E como saber se a pessoa, que está batizando, está mesmo inspirada por um espírito santo?

Uma outra questão: as mulheres eram batizadas? Segundo narrativa bíblica, sim (At 8,12); mas isso é inusitado já que, pela cultura da época, as mulheres não tinham o menor valor; inclusive, parece-nos que nem mesmo participavam dos rituais religiosos (1Cor 14,34-35), só admitidos aos homens. Convém lembrar ainda que o ritual de iniciação judaica era a circuncisão; obviamente, feita somente aos do sexo masculino. Sabendo-se que as mulheres estão salvas "por dar à luz filhos" (1Tm 2,15), não haveria necessidade de batizá-las visando-lhes a salvação por esse ritual; não é mesmo? E como fica o pecado cometido por Eva, o famoso pecado original?

Justificam alguns que, pelo fato de Jesus ter sido batizado, nós também devemos sê-lo. Embora já tenhamos demonstrado por que Jesus foi batizado (Jo 1,31.33), afirmamos que, se o simples fato dele ter sido batizado nos obriga a isso, então, por questão de coerência e de

lógica, devemos manter o ritual da circuncisão, já que Jesus também se submeteu a tal prática. Ah! Só mais um lembrete: Jesus também foi crucificado... Quem se habilita?

Outros mais, talvez, apresentem alguma passagem bíblica para corroborar o batismo, por puro apego a rituais, dos quais não querem largar mão; por isso não buscam uma visão do conjunto e se dão por satisfeitos com a primeira passagem que encontram. Muitos desses, provavelmente, irão querer contestar esse nosso texto; mas, se não pesquisam sobre o assunto e ainda ficam presos às interpretações dogmáticas, o que poderemos fazer?... A esses apenas apresentamos esta passagem:

Hb 5,11-14: *“Temos muito a dizer sobre este assunto, mas é difícil explicar, porque vocês se tornaram lentos para compreender. Depois de tanto tempo, vocês já deviam ser mestres; no entanto, ainda estão precisando de alguém que lhes ensine as coisas mais elementares das palavras de Deus. Em vez de alimento sólido, vocês ainda estão precisando de leite. Ora, quem precisa de leite ainda é criança, e não tem experiência para distinguir o certo do errado. E o alimento sólido é para os adultos que, pela prática, estão preparados para distinguir o que é bom e o que é mau”.*

Certamente, que, também, não poderemos desconsiderar os que, tentando justificar o batismo, virão a nós apresentando um documento, no qual dizem estar algumas recomendações de Jesus a seus discípulos, intitulado *Didaquê*, ou *Ensino dos Doze Apóstolos*.

O escritor e tradutor Henry Bettenson (1910-1979), em *Documentos da Igreja Cristã*, cita essa obra informando que ela foi descoberta em Constantinopla no ano de 1875, com data incerta e autor desconhecido, procedência e importância controvertidas. (BETTENSON, 1967, p. 100). Vejamos, a transcrição:

VII. Quanto ao batismo, batizareis na forma seguinte: tendo como antecipadamente disposto todas as coisas, batizai em o nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, em água viva; se não tiverdes água viva, batizai em outra água; se não puderdes em água fria, fazei em água quente. Se não tiverdes nem uma nem outra, derramai água na cabeça três vezes em o nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Antes do batismo, jejuem, além de outros que o possam, o batizante e o postulante. A este último mande-se jejuar um ou dois dias antes.

.....

IX. No tocante à eucaristia, dareis graças desta maneira: primeiramente sobre o cálice: “Damos-te graças, Pai nosso, pela santa vinha de Davi, teu servo, que nos deste a conhecer por meio de Jesus, teu Servo. A ti seja glória eternamente!”. Em seguida, sobre o pão partido: “Damos-te graças, Pai nosso, pela vida e pelo conhecimento que nos manifestaste mediante Jesus, teu Servo. A ti seja a glória eternamente! Como este pão achava-se disperso sobre os montes e, reunido, se fez um, assim, desde os confins da terra, seja congregada tua Igreja no teu Reino. Pois tua é a glória e o poder, por Jesus Cristo, eternamente”. Que ninguém coma nem beba da eucaristia, exceto os batizados em nome do Senhor, pois sobre ela disse o Senhor: “Não deis o que é santo aos cachorros”. (BETTENSON, 1967, p. 101) (grifo nosso).

Poder-se-ia nela encontrar uma boa justificativa para se “legalizar” o batismo; entretanto, fora os problemas de sua data e procedência, mencionada por Bettenson, vemos, pelo menos, dois outros:

1º) há uma forte incoerência entre o que se diz no item VII e no IX; pois, se no primeiro recomenda-se “batizar em o nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, no último, é mencionado “os batizados em nome do Senhor”, exatamente a fórmula do batismo em Atos dos Apóstolos, que, seguramente, o “Senhor” se trata de Jesus, uma vez que a frase citada – “Não deis o que é santo aos cachorros” - é dele e consta em Mt 7,6;

2º) a determinação de que o postulante ao batismo também jejuasse, por um ou dois dias, não a vimos em nenhum outro lugar, razão pela qual, até se justifica, já que nenhuma igreja recomenda que se faça o jejum; conseqüentemente, isso implica em que tacitamente não a têm como verdadeira.

Dessa questão do jejum, ainda podemos tirar a conclusão de que, na verdade, somente se batizavam pessoas adultas, colocando a atitude dos que batizam crianças recém-nascidas em completo desacordo com as práticas que dizem decorrer da Bíblia.

Um argumento bem interessante encontramos em Iakov Abramovitch Lentsman (1908-1967), que, em *A Origem do Cristianismo*, disse:

Os outros dogmas maiores do cristianismo brilham igualmente pela ausência no *Apocalipse*. Nada é dito aí sobre o batismo, por exemplo. "Não façam mal à terra, lê-se no capítulo VII, versículos 3-4, nem ao mar, nem às árvores, até que tenhamos marcado com o selo a frente dos servidores do nosso Deus. E ouvi o número daqueles que tinham sido marcados com o selo, cento e quarenta e quatro mil, de todas as tribos dos filhos de Israel". Ao enumerar essas doze tribos, o autor acrescenta para cada uma delas: doze mil "marcados com o selo". Ele teria dito "batizados", incontestavelmente, se o sacramento do batismo já existisse no seu tempo. Há no *Apocalipse* uma dezena de passagens em que se poderia esperar encontrar alusões ao batismo, mas nada há sobre ele. (LENTSMAN, 1963, p. 114). (grifo nosso).

Sua conclusão, para nós, é um argumento excelente, que fica difícil ser refutado.

Mas cabe-nos um esclarecimento final a respeito do batismo, aquele que era o praticado naquela época; para isso vamos recorrer a L. Palhano Jr. (1946-2000), que explica:

Batismo. (Do grego: *bapto*, mergulhar). Ritual de purificação. João Batista administrava um batismo de arrependimento para a remissão de pecados (Marcos 1,4), antecipando o batismo no espírito e em fogo (verdade) que o Messias exerceria (Mateus 3,10). O batismo cristão está arraigado na ação redentora de Jesus e o ato d'Ele, quando se submeteu ao batismo de João (Marcos 1,9), demonstrou e efetivou sua solidariedade com os homens. Na igreja primitiva, o batismo não era com água, mas com a imposição das mãos sobre aquele que se convertia e objetivava o chamado 'dom do espírito santo', isto é, sensibilizar aquele que era batizado para que ganhasse percepção espiritual ou mediúnica (Atos 19,6). O batismo com água é um mero ritual sem nenhum valor moral e os espíritas não devem se preocupar com isso. Trata-se de um sacramento dogmático que afirma ter ação salvadora um ato externo, ritualístico, mais uma obrigação religiosa que descaracteriza a obrigação do esforço próprio, para o merecimento da paz e da felicidade. O batismo de criancinhas, para apagar o 'pecado original', é o resultado da ação judaizante sofrida pelos cristãos, pois nada mais é do que a substituição do sinal da circuncisão ao oitavo dia de nascido para o filho varão. O espiritismo preconiza a inutilidade de qualquer culto, ritual, sacramento, paramento, sinal, para as coisas religiosas, visto que os verdadeiros adoradores de Deus o adoram em espírito e verdade (João 4,23). (PALHANO JR, 1999, p. 173).

Esperamos, caro leitor, que esse estudo lhe possa ser útil em alguma coisa, se não que, pelo menos, encontre algo para que reflita sobre a "*verdade que liberta*".

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Revisado e ampliado em jan/2007.
(Revisado out/2011)

Referências Bibliográficas:

- Bíblia Anotada*. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
Bíblia Sagrada – Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 2001.
Bíblia Sagrada. Edição Barsa, Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.

- Bíblia Sagrada*. São Paulo: Ave Maria, 1989.
- Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BETTENSON, H. *Documentos da igreja cristã*. São Paulo: Aste, 1967.
- CESARIA, E. *História eclesiástica*. Rio de Janeiro: CPAD. 2003.
- CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. Vol. 1. São Paulo: Hagnos, 2005a.
- CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. Vol. 3. São Paulo: Hagnos, 2005c.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Vol. 2. São Paulo: Candeia, 1995.
- CHAVES, J. R. *A Face Oculta das Religiões*. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- DENIS, L. *Cristianismo e Espiritismo*, Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- FLUSSER, D. *O Judaísmo e as Origens do Cristianismo*, vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- KRAMER, S. N. *Mesopotâmia, o berço da civilização*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
- LENTSMAN, J. A. *A origem do cristianismo*. São Paulo: Fulgor, 1963.
- LETERRE, A. *Jesus e sua Doutrina: a distinção entre cristianismo e catolicismo: um estudo que remonta há mais de 8.600 anos*. São Paulo: Madras, 2004.
- MARTINS, C. *Nas Fronteiras da Ciência*. São Paulo: DPL, 2001.
- ORÍGENES. *Contra Celso*. São Paulo: Paulus, 2004.
- PALHANO JR, L. *Teologia Espírita*. Rio de Janeiro: CELD, 2001.
- PALHANO JR, L. *Aos Gálatas: a carta da redenção*. Niterói, RJ: Lachâtre, 1999.
- RODRÍGUES, P. *Mentiras fundamentais da Igreja Católica*. Lisboa, Portugal: Terramar, 2007.
- SCHUTEL, C. *O Batismo*. Matão, SP: O Clarim, 1986.
- VERMES, G. *O autêntico Evangelho de Jesus*. Rio de Janeiro: Record, 2006.